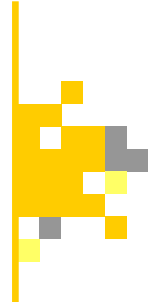


ENTREVISTA

Eudes Fernando Leite (Doutor em História, Professor, Universidade Federal da Grande Dourados)



Sobre o entrevistado

Possui graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1990), mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1994) e doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000).

Atualmente é professor-titular na Universidade Federal da Grande Dourados, instituição em que atua na graduação e na pós-graduação em História. Realizou Estágio de pós-doutorado na UFRJ (2010).

Fez parte da Diretoria da Associação Nacional de História (ANPUH- Brasil), no biênio 2010-2012. Integrou a Diretoria da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), no mandato 2016-2018. É membro da Rede Rede CO3 (Rede Centro-Oeste de Pesquisa e Ensino em Arte, Cultura e Tecnologias Contemporâneas).

Tem experiência na área de História, com ênfase em História Regional do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: história, pantanal, fronteiras, história oral, memória, história cultural, história e literatura.

ORCID: 0000-0002-2934-0522

Lattes: 3768513233701906

E-mail: eudesleite@ufgd.edu.br

1. Os movimentos de extrema direita que emergiram no Sul e Norte Global são marcados por diferenças significativas. Mas há particularidades e nuances de ambas as experiências. Quais são as semelhanças e diferenças?

Eudes Fernando Leite – É muito difícil não identificar relações, diálogos, importações de ideias e práticas entre aqueles movimentos de direita e extrema direita ocorridos na Europa e nos Estados Unidos, em direção ao Brasil e a outros países latino-americanos. Para o caso brasileiro, cabe lembrar, a título de exemplo, o caso dos camisas-verdes, movimento de inspiração fascista que teve impacto no Brasil e mobilizou intelectuais e políticos em torno de uma perspectiva autoritária, de viés racista, além de outras concepções marcantes nesse tipo de compreensão de mundo, geradoras de propostas políticas elitistas e violentas. Não se pode esquecer ainda que em um mundo cada vez mais conectado, a circulação de ideias e contatos pessoais se

intensificaram de forma rápida e impactante.

Mais recentemente, para o caso brasileiro, observamos e experimentamos o emergir do ideário da extrema direita, cuja localização fora os campos da direita que habitavam organizações políticas de centro e mesmo da direita. No interior desses organismos políticos, geralmente partidos e organizações empresariais representativas de interesses dos setores poderosos do campo e da cidade, a extrema direita não lograva alçar ao controle e aos postos de mando de tais instâncias alocadas no interior das práticas eleitorais e políticas de viés democrático. Geralmente tomamos os movimentos de 2013 como ponto marcante para a ascensão e visibilidade das ações da extrema direita, marcada pelo intenso movimento que levou ao afastamento da Presidenta Dilma Roussef, por meio de procedimentos formais lotados no campo constitucional, mas manipulados para sustentar ideias e práticas de fundo golpista, produzindo uma sedutora representação de que não aconteceu um golpe contra aquela governante, uma vez que tudo se deu dentro dos marcos legais. Turvar as regras garantiu, com amplo apoio de setores importantes da elite brasileira (empresariado, banqueiros, grandes mídias, setores do agronegócio, entre outros núcleos) obter êxito na instalação de um debate que, ao fim e ao cabo, provocou discussões a respeito da noção de golpe, mesmo entre segmentos

localizados no espectro de esquerda e centro-esquerda. Ora, a adesão à ideia, esposada por analistas honestos e de formações teóricas distintas, de que o impedimento da Presidenta não foi um golpe desconsidera que as estratégias articuladas para afastar a então governante é mais um daqueles acontecimentos em que a forma tem mais importância e relevância do que o próprio conteúdo. É possível que as referências históricas acerca de golpes anteriores, quando a presença de militares ocupava o centro do palco do acontecimento, tenha contribuído para a percepção sobre o que vivenciamos. Não podemos esquecer que o golpe civil-militar de 1964 e a ditadura subsequente foram acontecimentos envolvidos em um cipoal de artefatos formais - de decretos leis a atos institucionais - responsáveis por dotar a derrubada de Goulart e a Ditadura de um verniz de legalidade. Acrescente-se a isso a percepção de que há uma espécie de atualização das práticas autoritárias e golpistas mundo afora, cuja finalidade é exatamente assentar as práticas antidemocráticas em formulações discursivas e em textos formais que mobilizam velhos fantasmas para conferir legitimidade ao que é ilegítimo. É importante lembrar que o segundo governo Roussef, contribuiu ao insistir em certas práticas políticas que, para o bem e para mal, marcaram profundamente a trajetória republicana brasileira, especialmente o período iniciado após o fim do

período ditatorial. Ao tentar se esquivar de dialogar ou construir um governo que compartilhasse “poder” com o Congresso, a Presidente se distanciou e tentou enfrentar uma estrutura de governabilidade mais antiga e forte que o seu governo, oferecendo elementos que associados a decisões econômicas ineficazes, garantiram argumentos para a concretização de seu afastamento da presidência.

O aparente desvio do núcleo da pergunta é importante porque permite lembrar que o recente protagonismo da extrema direita brasileira não pode ser considerado fora de nossa condição histórica, ao mesmo tempo em que seguimos na direção de observar sua presença no cenário social e político dos anos recentes, especialmente ao longo dos quatro últimos anos. No Brasil, o bolsonarismo é uma espécie de nome de fantasia dos grupos que performam a extrema direita, posto que o ex-presidente não apresentava capacidade de articular e liderar um movimento político com consistência política em torno de si, exceto pela defesa enquanto parlamentar federal, por muitos anos, de temas caros aos grupos mais extremados. Grupos como MBL, formado por gentes urbana e de classe média foram se aproximando tanto quanto os setores mais reacionários do agronegócio e, além de outros agrupamentos, como militares e outros segmentos das forças de segurança; oferecem a concretude humana e aglutinados, trouxeram seus pratos para

o festim de temática fascista. Eu considero que diferentemente dos EUA, onde Trump esteve perfilado a pessoas e ideias extremistas representadas por ideólogos como Stephenn Bannon, no Brasil, Bolsonaro não foi plenamente inserido por pessoas e grupos geradores e gestores de ideias sistêmicas da extrema direita, veiculadas por figuras exóticas como o pretenso filósofo Olavo de Carvalho. A presença de certos quadros ligados à Olavo de Carvalho em Ministérios como o da Educação e o das Relações Internacionais indicam proximidade, mas não adesão e aplicação do ideário olavista, até porque um sistema de pensamento mais elaborado de pensamento que viesse a ser verticalizado em um plano de governo não existia. Olavo de Carvalho foi um sujeito, um intelectual que gravitou entorno das concepções do Tradicionalismo, beliscando certas ideias, mas não alcançou formular algum tipo de projeto nacional mais sofisticado para o Brasil e, ao mesmo tempo, Bolsonaro nunca foi dado ao mundo intelectual, tampouco a adesão a projetos políticos ou concepções de mundo dotadas de algum valor propositivo. Talvez a aproximação mais forte entre Olavo e Bolsonaro seja a capacidade performática de ambos. O primeiro se notabilizava mais por suas polêmicas e comércio de cursilhos de formação política e o segundo pelos discursos vazios diante de pessoas ávidas por espetáculos, ideias simples para problemas complexos e

aversão ao trabalho. Então, se há liame entre a extrema direita brasileira e a internacional, ele se verificou mais nos contatos nem sempre consistentes do que propriamente em um movimento orgânico que visasse aprofundar ideias e propostas de transformações no país e mesmo no mundo. Aleksandr Dugin, outro “rapsodo” da extrema direita internacional pouca ou nenhuma presença teve no nicho da extrema direita brasileira. De certa forma, a extrema direita brasileira que sempre esteve no interior da direita só alcançou protagonismo em função da fragilidade do liberalismo por aqui, e certamente das limitações da direita liberal em se consolidar enquanto detentora de um projeto alternativo ao centro e às investidas da esquerda. Bolsonaro e o movimento que ele representa não possui um projeto consistente de país, de nação, de Brasil; o que ele e seus próceres enunciam são chavões, panfletarismo discursivo que não encontra consistência fora de um metaverso fragilizado pela incoerência e limitação cognitiva daqueles que o desenharam e dos que ali habitam. O núcleo do pensamento bolsonarista é inerte, composto por nonsenses inférteis.

2. Qual é o marco ou os marcos determinantes do surgimento das direitas radicais?

EFL – Conforme aponte, esses grupos sempre estiveram entre nós, ocultos, mas presentes no

tecido social e político brasileiro. Considero que todo o movimento que levou a eleição de Fernando Collor de Mello foi uma espécie de “esquentar” para a atuação posterior dessa gente. Certamente que durante o governo Rousseff, eles voltaram à cena, se movimentaram, se fundiram e, paradoxalmente, se cindiram, caminhando para o que observamos em 2013, quando capturaram uma pauta sensível a moradores das grandes cidades. O impedimento da ex-presidente Dilma foi o *start* necessário para reunir toda a turba em torno do movimento que levou Bolsonaro à Presidência. Há que se lembrar o protagonismo de personagens do judiciário, não apenas com a atuação da denominada república de Curitiba, mas também do STF quando fez vistas grossa ao que se passava no Fórum da capital paranaense. Bolsonaro e sua performance conseguiu agregar os vários grupos de extrema direita e suas demandas em torno de seu discurso violento, misógino e vazio, porém agradável aos ouvidos de grupos e de pessoas sensíveis e interessadas no teor do que ele apregoava.

Nesse quesito é muito importante acentuar que nossas elites econômicas, urbanas ou rurais, perseveraram no cultivo de seus conceitos discriminatórios e de classe, mesclando desprezo contemporâneo aos pobres, com uma formação de mando senhorial, construída ao longo de quase quatro séculos de escravidão. Essas características dão sustância a uma cosmovisão reacionária,

hipócrita e desprovida de empatia. Tudo isso articulado as novas formas de apropriação da mitologia cristã, manejada por lideranças religiosas de atuação empresarial, que oferece sentidos a pessoas não raras vezes em estado de petição de miséria material e em busca de um balsamo para sua condição de exclusão. Dessa forma, o que a história republicana brasileira demonstra é que os grupos extremistas de direita aqui estão há tempo; o que nós observamos e estamos vivenciando é o aparecimento e atuação desses ajuntamentos de forma mais ostensiva na medida em que enxergaram em Bolsonaro alguém com capacidade de levar adiante suas ideias e pretensões hegemônicas. É possível dizer que 2013 é marco de rearticulação desse movimento, 2016 um momento de teste de força, seguido pelo engajamento e eleição de Jair Bolsonaro, personagem que lhes ofereceu, entre outros elementos, o nome para significar um ajuntamento de grupos e interesses distintos: o bolsonarismo.

3. Há ou não há compartilhamentos de estratégias, estilos e Discursos entre os líderes de extrema direita?

EFL – Considero que em certos temas, a exemplo da suposta defesa das liberdades de expressão e do desprezo pelos excluídos, há uma simbiose quase perfeita. Mas quanto se observa a ação de

grupos e pessoas de forma mais aproximada, é possível perceber interesses e práticas distintas. A relação entre discursos e práticas no campo da extrema direita contribui muito para aglutinar as pessoas de viés conservador e moralista em torno de alguns temas, como o desprezo pelas demandas identitárias, funciona como um fio para costurar partes de um tecido que é fragmentário. Mas é possível perceber as contradições, quando a temática econômica sobe no palco, vestida por segmentos financeiros como propostas liberais. Ora, se há algo que não cabe no bolsonarismo – considerado como o grande ajuntamento da fauna de extrema direita brasileira – é a perspectiva liberal. A ideia pueril do “Posto Ipiranga” revelou isso: a ação econômica do governo Bolsonaro foi uma mescla mal arranjada de tudo e um pouco mais, sem produzir resultados eficientes para os defensores do liberalismo econômico. No interior do bolsonarismo dois arquétipos funcionaram muito bem: o apego quase sexual a uma representação do militarismo e o a retomada do anticomunismo. Além disso, construiu-se um campo semântico responsável pela difusão de ideias e concepções produzidas pela extrema direita. Esses dois elementos atuaram como aglutinadores de um movimento anti-civilizatório que negava a ciência – lembremos da posição do bolsonarismo em relação à pandemia de COVID 19 –, apelando a um patriotismo calhorda para levar adiante aquilo que Bolsonaro e seu núcleo familiar

considerava o mais adequado ao Brasil e aos brasileiros. Vale lembrar: todo discurso moralista é cortina para ocultar a hipocrisia dos canalhas. E o moralismo (sic) do bolsonarismo faria corar integrantes da velha UDN!

4. Afinal, qual a expressão mais correta e adequada para definir esse movimento: populismo reacionário? Fascismo pós-moderno? Neofascismo?

EFL – Estou entre aqueles que considera a noção de populismo de direita como a definição mais apropriada. É importante ponderar que ainda vivemos o fenômeno, condição que dificulta uma precisão conceitual que dê conta de forma definitiva da prática social. Historiadores são ciosos em relação a definições que nominam acontecimentos em curso, mas a definição de populismo de extrema direita parece se ajustar às ideias que, de forma sintética, pleiteia uma naturalização das hierarquias (sociais, étnicas, econômicas, religiosas, entre outras), reivindicando supostos direitos para os segmentos enriquecidos do país e, legando às camadas populares o lugar de coadjuvantes ou subordinados cujos direitos só existem enquanto mercê das elites. As práticas do populismo de direita reúnem componentes de diversas experiências históricas, a exemplo do fascismo e do nazismo, indicando permanências e

apropriações de ideias e valores de ideologias que proporcionaram desagregações sociais e políticas em nome de valores supostamente avançados. A extrema direita brasileira, compreendida pelo bolsonarismo adotou práticas políticas populistas quando transformou crenças religiosas em filosofias da história, pautou políticas de discriminação a negros, homossexuais, indígenas, professores e toda sorte de pessoas que se recusaram ao cabresto ideológico por eles difundido. Então, a combinação e operacionalização de crenças religiosas, armamentismo civil, notícias falsas, identidades autoritárias, anticomunismo, preconceito e lideranças histriônicas compõem o cosmos responsável por possibilitar crescimento e reprodução do populismo de direita. De alguma forma, o soerguimento da extrema direita entre nós é a reificação de nossa história de exclusão social e, de forma paradoxal, dos caminhos que o país trilhou a partir da redemocratização. O aparecimento de diversos temas que acenam para demandas de avanços sociais e até mesmo a ascensão do Partido dos Trabalhadores ao poder, com seus sucessos e fracassos, “atiçou” segmentos desacostumados a serem confrontados em seus lugares sociais e políticos.

À título de encerramento, quero observar dois aspectos: o tema dessa conversa diz respeito à uma profunda crise de civilização, na perspectiva do que se pensou, no passado, enquanto cultura

humana, emergida desde o Renascimento e formulada no Iluminismo. Essa crise não envolve apenas o Ocidente, mas tem extensão mais ampla e complexa e afeta, inclusive, modelos culturais distintos ao nosso. O segundo ponto é que está emergindo uma literatura bastante interessante, em distintas áreas de conhecimento, e que se dedica a examinar não só o bolsonarismo mas a extrema-direita em várias praças. Nos resta prosseguir nesse processo de compreensão e enfrentamento, que ameaça nos legar um “buraco dos vermes”.

Entrevistadores: José Renato Ferraz da Silveira e George Leonardo Seabra Coelho